

## O PENTECOSTALISMO AMERICANO COMO UMA EXPRESSÃO DA TEOLOGIA NEGRA

### AMERICAN PENTECOSTALISM AS AN EXPRESSION OF BLACK THEOLOGY

### EL PENTECOSTALISMO AMERICANO COMO EXPRESIÓN DE LA TEOLOGÍA NEGRA

**Jonas Euflausino da Silva**

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Aluno do programa de Doutorado em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

[screligionjonas@gmail.com](mailto:screligionjonas@gmail.com).

*Recebido em: 28/01/2021*

*Aceito para publicação: 09/03/2021*

#### **Resumo**

O presente trabalho avalia a relação cultural entre os afrodescendentes americanos e os brancos, no tocante à religiosidade, observando como essa interface influenciou na formatação do ramo do cristianismo denominado de pentecostalismo, oriundo do movimento liderado por Willian Seymour em *Los Angeles*, USA, que teve como marco inicial o ano de 1906. A parcela da população branca americana, na qualidade de povo dominador, estabeleceu para os negros um processo de cristianização que redundou em novas conformações religiosas. Portanto, trilhamos na busca da compreensão de que maneira as práticas religiosas negras foram inseridas dentro do pentecostalismo americano fomentado pelo movimento iniciado na missão da rua Azusa em 1906, protagonizada por descendentes de negros escravizados que vivenciavam um incipiente processo de libertação e inclusão social, mas, que ao serem inseridos no cristianismo protestante forjaram uma nova espiritualidade a partir da reinterpretação cultural dos elementos do cristianismo americano. Acreditamos que esse processo de reinterpretação das formas culturais, possibilitou ressignificações litúrgicas das estruturas impostas pela comunidade dominadora branca, criando assim, novo campo de sentido para o povo dominado, o negro, sendo, tal entendimento, mais adequado para se compreender o processo de formação de um cristianismo negro e, conseqüentemente, o estabelecimento do pentecostalismo, que teve como lastro toda uma lógica hermenêutica que se conectava com o pano de fundo litúrgico ancestral africana que implementou uma nova forma de leitura dos textos bíblicos, a Teologia Negra.

**Palavras-chave:** Movimento pentecostal. Diáspora africana. Afro-americano. Teologia Negra.

#### **Abstract**

The present work evaluates the cultural relationship between African American descendants and whites, regarding religiosity, observing how this interface influenced the formatting of the branch of Christianity called Pentecostalism, originating from the movement led by Willian Seymour in Los Angeles, USA, which had 1906 was the starting point for the year. The portion of the white American population, as a dominating people, established a process of Christianization for blacks that resulted in new religious conformations. Therefore, we seek to understand how black religious practices were inserted into American Pentecostalism fostered by the movement initiated in the mission of street Azusa in 1906, carried out by descendants of enslaved blacks who were experiencing an incipient process of liberation and social inclusion, but, which, when inserted into Protestant Christianity, forged a new spirituality from the cultural reinterpretation of the elements of American Christianity. We believe that this process of reinterpretation of the cultural forms, allowed liturgical resignifications of the structures imposed by the dominant white community, thus creating a new field of meaning for the dominated people, the black, being, such understanding, more adequate to understand the formation process of a black Christianity and, consequently, the establishment of Pentecostalism, which had as

its base a whole hermeneutic logic that related to the ancestral African liturgical background that implemented a new way of reading biblical texts, Black Theology.

**Keywords:** Pentecostal movement. African diaspora. African American. Black Theology.

### Resumen

El presente trabajo evalúa la relación cultural entre afrodescendientes estadounidenses y blancos, en lo que respecta a la religiosidad, observando cómo esta interfaz influyó en el formateo de la rama del cristianismo denominada pentecostalismo, originada en el movimiento liderado por Willian Seymour en Los Ángeles, EE. El año 1906 fue el punto de partida del año. La parte de la población blanca estadounidense, como pueblo dominante, estableció para los negros un proceso de cristianización que dio lugar a nuevas conformaciones religiosas. Por lo tanto, buscamos entender cómo las prácticas religiosas negras se insertaron en el pentecostalismo estadounidense fomentado por el movimiento iniciado en la misión de Rua Azusa en 1906, llevado a cabo por descendientes de negros esclavizados que vivían un incipiente proceso de liberación e inclusión social, pero, que, cuando se insertó en el cristianismo protestante, forjó una nueva espiritualidad a partir de la reinterpretación cultural de los elementos del cristianismo estadounidense. Creemos que este proceso de reinterpretación de las formas culturales, permitió resignificaciones litúrgicas de las estructuras impuestas por la comunidad blanca dominante, creando así un nuevo campo de significado para el pueblo dominado, el negro, siendo, tal entendimiento, más adecuado para entender el proceso de formación de un cristianismo negro y, en consecuencia, la instauración del pentecostalismo, que tenía como base toda una lógica hermenéutica que se conectaba con el trasfondo litúrgico ancestral africano que implementó una nueva forma de leer los textos bíblicos, la Teología Negra.

**Palabras clave:** Movimiento pentecostal. Diáspora africana. Teología afroamericana, Teología negra.

### Introdução

Em uma perspectiva mais dogmática e fundamentalista, é muito comum no campo da religião pensar a teologia como um produto acabado e pronto, uma hierofania. Contudo, tal categoria do conhecimento é fruto de profundos e constantes processos interpretativos. Neste aspecto, podemos parafrasear a máxima nietzschiana, afirmando: “A teologia é humana, demasiadamente humana”.

A teologia cristã é fruto das interações entre o corpo social composta pelos fiéis, em um determinado momento histórico, vivenciando demanda sociais e existenciais que impõe a necessidade de atualizar a mensagem para sua geração ou contexto.

Em sendo assim, ressaltamos que o fazer teologia, como um processo de reflexão que redunde em conhecimento, fruto, em princípio, de uma interação dialógica entre a mensagem que se entende revelada (“verdade eterna”) e as indagações existenciais impostas pelo contexto o qual está inserido o teólogo ou teóloga. Sobre este aspecto, afirma Paul Tillich:

A teologia, como função da igreja cristã, deve servir às necessidades da igreja. Um sistema teológico deve satisfazer suas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração. A teologia se move para trás e para diante entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal na qual a verdade eterna deve ser recebida (TILLICH, 1987, p.13).

Fazer teologia é engendrar-se em um processo hermenêutico, que se vale da tradição, do dogma, mas que compreende que ao lançar luz sobre o texto, ainda que tido como sagrado, o exercício interpretativo sempre estará circunscrito ao horizonte histórico compreensivo e linguístico de quem interpreta, bem como, daquele ao qual se pretende comunicar, como bem pontua Claude Geffré:

Portanto, adotar um modelo hermenêutico em teologia não significa que não há mais dogma, mas é tomar como ponto de partida o texto. Quem diz hermenêutica não diz simplesmente a compreensão em geral, mas o tipo de compreensão que está engajado na leitura dos textos, quer se trate da Escritura ou das releituras. [...] É importante aqui, recorrer a uma concepção de linguagem segundo a qual ela não é o instrumento neutro e maleável de um pensamento todo-poderoso. Não há pensamento fora da linguagem, e a tradição de linguagem na qual estou inserido já me oferece um certo número de recursos que são esquemas interpretativos a partir dos quais apreendo a realidade, e quer vão permitir-me eventualmente forjar novos conceitos (GEFRÉ, 2004, p. 36).

Diante deste aspecto, o presente trabalho pretende abordar um destes processos interpretativos, que nada mais é que uma tentativa humana de ascender em conhecimento o mundo transcendental, produzida por um povo em diáspora e oprimido racialmente, ante a mensagem do cristianismo pregada pelos seus próprios opressores, que é a Teologia Negra.

Abordaremos a definição do que é a Teologia Negra, sua origem, principais teólogos, suas chaves hermenêuticas e concluiremos como uma reflexão sobre as implicações do método para o contexto hodierno, em especial, para a cristandade brasileira, que vivencia o fortalecimento de um discurso teológico opressor, que respalda a desumanização das minorias.

O movimento pentecostal é uma das expressões do protestantismo mais relevantes na contemporaneidade. Atualmente existem igrejas pentecostais espalhadas pelos quatro cantos do planeta, representadas por diversas denominações, que diferem em muitos aspectos, mas, têm em comum a crença na manifestação sobrenatural do Espírito Santo na vida dos fiéis.

O pentecostalismo é um ramo do cristianismo que defende a possibilidade de uma experiência direta e pessoal com o Espírito Santo de Deus. O termo Pentecostal é uma alusão direta ao dia de Pentecostes, festa judaica conhecida também como festa das semanas. Para os cristãos, esse evento comemora a descida do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus Cristo, conforme descrito no capítulo 2, do livro de Atos dos Apóstolos. A experiência com o Espírito Santo, nos moldes pentecostais, se dá por fenômeno conhecido como “Batismo no Espírito Santo”, que é evidenciado por um fenômeno linguístico denominado glossolalia.

Contudo, não obstante a sua representatividade, o movimento pentecostal, como o conhecemos, é uma manifestação bastante recente na história da igreja cristã. O seu início tem como marco o ano de 1906, nos Estados Unidos, e como personagem principal William Joseph Seymour, um afro-americano, filho de escravizados que foram libertos, que foi criado no sul dos EUA, no período da reconstrução, que seguiu imediatamente a Guerra Civil no país (1861-1865).

Seymour se converteu inicialmente na Igreja Metodista, após várias mudanças de ministérios, e já ordenado pastor, passou a liderar em Los Angeles uma missão evangélica independente, que se reunia em um velho prédio situado na Rua Azusa, formada preponderantemente por negros. Essa missão foi o marco inicial do pentecostalismo americano.

Acrescentamos que esse movimento era marcado por expressões litúrgicas que destoavam das práticas adotadas nas igrejas evangélicas até então, e passou a fazer parte das práxis culturais dos frequentadores: transe, exorcismos, fenômenos linguísticos (glossolalia) e danças. Todos esses fenômenos eram atribuídos como uma ação sobrenatural do Espírito Santo.

No presente trabalho faremos uma discussão dos processo histórico e cultural da formação do pentecostalismo americano, iniciado na Rua Azusa, tendo como marco teórico os conceitos de “entre-lugar” cultural e interculturalidade asseveradas por Homi Bhabha (2001); bem como, estabeleceremos uma conexão com o movimento teológico que foi forjado ao se estabelecer o processo de cristianização dos negros escravizados nos Estados Unidos.

### **Teologia Negra: origem e definição**

A compreensão mais comum é que a Teologia Negra surge no fim da década 1960, tendo como marco a publicação, em 1969, do primeiro livro do teólogo negro estadunidense James Cone (1936-2018), *The Black Theology and Black Power* [A Teologia Negra e o Poder Negro]. A obra de Cone se apresenta como uma tentativa de sistematização da Teologia Negra, contudo, ela era o acúmulo de toda uma produção anterior sobre a temática (PACHECO, 2019, p.56).

Não obstante ao marco fundante daquilo que se conhece como Teologia Negra ser a produção literária de James Cone, asseveramos que a referida abordagem teológica é a materialização de todo um fazer teológico perpetrado desde a escravidão e seguindo por todo o processo histórico de ser negro em uma sociedade racista. Redundando assim, em uma

instituição que é anterior a Cone e que, diga-se de passagem, ele era integrante e porta-voz, que é a igreja negra americana<sup>1</sup>.

A Teologia Negra não é meramente uma teologia africana, mas, é fruto do encontro entre os escravizados africanos em terras americanas com o discurso salvífico da igreja branca; é uma teologia que emerge da hermenêutica dos marginalizados, que tiveram os seus elementos identitários (divindades, cultura, humanidade) vilipendiados por um sistema opressor, que apresentou paradoxalmente uma mensagem de um Deus amoroso. Rosino Gibellini assim define a Teologia Negra:

A teologia negra (*black theology*) não é uma teologia africana, e sim a teologia dos negros que vivem em estado de segregação e em situações de marginalização numa sociedade racista branca. Esta é a realidade da cultura negra e das igrejas negras nos Estados Unidos da América (...). A teologia negra está, assim, relacionada com a experiência desumana do racismo (GIBELLINI, 2002, p.383).

Portanto, a Teologia Negra é a teologia que impõe ao teólogo e à teóloga a necessidade de refletir sobre o sentido de ser negro ante a mensagem do cristianismo, em um contexto de opressão, que foi proporcionado pelo processo de cristianização que a igreja americana impôs aos escravizados. Obviamente, a lógica da igreja branca se lastreava em uma hermenêutica que justificava a escravidão, partindo de leituras particulares e equivocadas de alguns textos bíblicos, a saber:

- 1) A maldição de Cam<sup>2</sup> (Gn 9.18-27)
- 2) A autorização divina de Israel para escravizar outros povos (Lv 25.44-46)
- 3) Os textos paulinos que eram destinados para humanizar o regime de escravidão (1. Cor 7.20-21; Ef 6 5-9; Cl 3.22; Cl 4.1; 1Tm 6.1-2 e Fm 10-18)

Obviamente, a partir desta leitura particular dos textos bíblicos perpetrada pela igreja branca, o processo de evangelização que foi dirigida aos negros escravizados não havia espaço para conectar liberdade cristã e liberdade civil. Em sendo assim os missionários brancos asseveravam que a mensagem cristã liberta exclusivamente da corrupção do pecado, não tendo nenhum compromisso com a libertação da situação de escravidão (GIBELLINI,

---

<sup>1</sup> A definição de Igreja Negra pode ser entendida sobre dois vieses. O primeiro, pode se referir a instituição ou denominação cristã composta e controlada por descendentes de africanos. O segundo, que passa a ser mais ideológica ou teológica, aponta para a caracterização da mesma a partir dos elementos culturais e comportamentais herdados ou ressignificados a partir da herança africana (WILMORE, CONE, 1986, p. 163).

<sup>2</sup> A maldição de Cam é uma interpretação da história consignada no livro de Gênesis (Gn 9.18-27) que narra uma atitude inapropriada de um dos filhos de Noé, chamado Cam, deste ato, redundou em uma maldição, que segundo os intérpretes tanto Cam como seus descendentes se tornaram negros, originando os povos africanos. (PINAR, 2008, p.36).

2002, p.387). Tal discurso serviu como um instrumento de dominação, favorecido pelos senhores de escravos, que enxergavam na evangelização dos negros, um fator que poderia contribuir para a melhoria da submissão e da produtividade.

É exatamente no encontro de duas visões sobre a mensagem cristã, que emerge a Teologia Negra, que por um lado, por parte da igreja branca, fomentava um discurso de dominação e de conformismo, e, do outro, por parte da igreja negra, percebe a incoerência da aplicação dos elementos do discurso cristão à realidade histórica dos escravizados. Ante a esta percepção de incoerência, surge a indagação perpetradas pelos negros: Como acreditar em um Jesus Salvador incondicional da humanidade, diante do sofrimento imposto pela escravidão?

Obviamente, o fruto desta dialética redundou em um processo de ressignificação do cristianismo pelos integrantes negros da igreja americana, buscando assim, o sentido existencial de ser negro, escravizado e cristão; tendo como ponto de partida, a própria Bíblia apresentada pelo sistema opressor e como chave hermenêutica a herança africana permeada no consciente e inconsciente coletivo do povo em diáspora. No tocante ao que acabamos de afirmar, James Cone asseverou:

Assim, a experiência dos negros requer que as Escrituras sejam uma fonte da Teologia Negra, pois foram as Escrituras que capacitaram os escravizados para afirmarem uma visão de Deus que diferia radicalmente da dos senhores de escravos. A intenção deles era apresentar um “Jesus” que tornaria o escravo obediente e dócil. Supunha que Jesus faria do povo negro melhores escravos, isto é, fiéis servos dos senhores brancos. Mas muitos negros rejeitaram aquela visão de Jesus, não apenas porque ela contradizia sua herança africana, mas também porque contradizia o testemunho das Escrituras (CONE, 1985, p.41).

Ante o que acabamos de expor, o lastro epistemológico para se interpretar o cristianismo perpetrado pela igreja negra, e que dá origem à Teologia Negra, é o cotidiano da escravidão, o corpo negro subjugado pelo branco racista - que se afirmava cristão. Foi naquela sórdida condição existencial que se estabeleceu o lugar do discurso teológico.

Contudo, tal discurso teológico não ficou enclausurado ao contexto da escravidão, transcendendo para a condição histórica do negro, nos diversos momentos nos quais tiveram os seus direitos políticos e sociais vilipendiados pela imposição racista da sociedade americana. Refletindo assim, sobre o que significa ser negro em qualquer contexto histórico.

Ressaltamos que, a Teologia Negra é a lógica propulsora de diversos movimentos políticos sociais de luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, a exemplo do que foi liderado por Martin Luther King, que possuía um caráter mais pacifista. E, também,

daquele que foi denominado de “*Black Power*” (Poder Negro) que apresentava um viés mais belicoso.

### **Chaves hermenêuticas da teologia negra**

A Teologia Negra apresenta uma resposta à questão hermenêutica, viabilizando um discurso que traz, ao protagonismo, os oprimidos de uma forma em geral; a abordagem assevera que a mensagem cristã consignada na Bíblia deve carrear, por um lado, em um processo de libertação, e, por outro lado, de condenação ao sistema opressor, como antagonico à mensagem do evangelho de Cristo. A respeito desta questão ressalta James Cone:

A resposta da Teologia Negra à questão da hermenêutica pode ser estabelecida de modo conciso: O princípio hermenêutico para uma exegese das Escrituras é a revelação de Deus em Cristo como o libertador dos oprimidos da opressão social e para a luta política, em que os pobres reconhecem que sua luta contra a pobreza e a injustiça não é apenas consistente com o evangelho, mas é o próprio evangelho de Jesus Cristo (...). Qualquer ponto de partida que ignora Deus em Cristo como o Libertador dos oprimidos ou que torna a salvação como libertação secundária não é, *ipso facto*, válido e, por isso é herético (CONE, 1985, p. 92-93).

A Teologia Negra, enquanto fazer teológico, interpreta a Bíblia, a tradição da igreja e os elementos do cristianismo, a partir de uma articulação com diversas chaves hermenêuticas que cunham o discurso proferido pelos teólogos e teólogas negras; inclusive inserindo a referida teologia no contexto cristão, as quais passaremos a apresentar algumas delas.

### ***O Jesus Negro***

A figura do Jesus Negro é muito mais de que uma discussão sobre a cor da pele do messias judeu. Mas, principalmente, sobre a negritude de sua pessoa no significado teológico do Cristo, como homem oprimido que luta pela libertação de um povo igualmente sofredor. Portanto, a figura do messias negro é solidária com a luta pela libertação do povo negro, assim como, de todos os oprimidos em qualquer contexto histórico social.

Para Cone (1985, p. 146-151), Jesus é negro no sentido que ele foi judeu, e é nesta condição que reside a sua negritude, como integrante de um povo que viveu em diásporas, dentre as quais, a egípcia, que culminou com a experiência do Êxodo, de um povo sem terra e, que outrora era escravizado em terra estrangeira; mas que foi liberto por um intervenção

divina. Tal condição se ajusta dialeticamente com a condição do povo negro escravizado e/ou segregado racialmente.

As narrativas bíblicas, na ótica da Teologia Negra, apontam para a revelação e compreensão do Messias Negro conectado com a história do povo escravizado nas Américas, como bem apontam G. Wilmore e J. Cone:

O deus de Moisés e de Josué, da irmã Rute e do irmão Amós, de nossos antepassados africanos e de nossos avoengos escravos, se revelou em Jesus Cristo, o Messias Negro. Ele ouviu o grito de nosso povo, cativo das estruturas racistas desta terra, e veio livrar-nos, como ele foi a Israel antigamente na terra do Egito (WILMORE, CONE, 1986, p. 219).

A negritude de Jesus se manifesta em todo seu ministério terreno, no sentido que ele fez opção pelos sofrendores em seu contexto social, mas também, em sua morte e ressurreição, e é à luz dessa compreensão que a Teologia Negra afirma que “Jesus é Negro”. Sendo essa chave hermenêutica fundamental para o discurso teológico perpetrado pelos teólogos e teólogas negras.

### *O Êxodo*

A Teologia Negra se apropria da interpretação das narrativas do Êxodo, como um posicionamento divino contra a opressão e a escravidão. É neste contexto, que a Teologia Negra insere e identifica o povo negro escravizado na diáspora, como bem assevera Ronilson Pacheco:

Para a Teologia Negra, esta identificação não poderia ser diferente, mas ela se radicaliza, quase que trazendo no corpo as marcas dos açoites e das torturas nas colônias escravocratas de negros e negras ancestrais. Assim, o clamor do povo oprimido, como descrito no livro de Êxodo ganha contornos de um *negro spiritual* sussurrando nas fazendas do sul estadunidense (PACHECO, 2019, p. 81-82).

O deserto é um elemento importante na Teologia Negra, considerando que é um lugar de privação; é uma terra na qual não há pertencimento – No deserto todos são estrangeiros. Contudo, o deserto do Êxodo ganha contorno de esperança, pois é mera transição entre o desterro e a terra da promessa. Esta conexão moveu a esperança de libertação para negros e negras escravizadas.

Neste sentido, o êxodo na ótica dos negros escravizados aponta para o movimento de saída, fazendo assim, uma coerente identificação com a diáspora africana. Logo, a condição

---

existencial do negro vivenciada na América, era o deserto que deveria ser transposto objetivando a chegada a uma nova condição de vida.

O deserto, como uma metáfora existencial, é um lugar inóspito e de privações. Contudo, também é onde a história de lutas se dá, o êxodo é a jornada, o caminho a ser trilhado para a liberdade. As narrativas bíblicas que consignam as experiências no deserto, a história de luta e libertação do povo Hebreu, serviam de esperança para os negros escravizados na América.

### ***A presença do espírito santo***

A Teologia Negra conduz a sua interpretação do cristianismo para a consolidação de uma igreja viva, no sentido que há uma clara relação da comunidade com a divindade. Assinalamos que a exemplo de diversas práticas religiosas africanas, na qual a relação entre os adoradores e o sagrado, mediada pelas divindades ligadas à natureza e espíritos ancestrais; na igreja evangélica negra, o Espírito Santo passa a desempenhar esse papel na mediação da relação entre os adoradores e Deus. Nesta perspectiva uma pneumatologia particular passa a ser um distintivo da igreja negra.

Portanto, a ação do Espírito tendo como paradigma mitológico o evento narrado em Atos capítulo 2, apresenta-se como um conectivo com as crenças ancestrais africanas, é naquela experiência, que o povo negro encontra um novo significado para a possessão dos espíritos e para o transe. Na Teologia Negra, o Espírito de Deus representa o poder para enfrentar as batalhas cotidianas contra as forças opressoras, que embora estivessem concretizadas no racismo branco, eram controladas por uma dimensão espiritual da maldade.

Ao nosso ver, o ápice da visão da pneumatologia negra foi o movimento de renovação espiritual liderado por Willian Seymour e iniciado na rua *Azuza*, cidade de Los Angeles, que deu início ao movimento pentecostal, que em seus primórdios, era formado basicamente por negros e trabalhadores, ou seja, gente oprimida.

Acrescentamos ainda que, a doutrina do batismo no Espírito Santo<sup>3</sup> como formatada em *Azuza*, era um elemento que promovia a igualdade social; no sentido que o principal

---

<sup>3</sup> A doutrina do batismo no Espírito Santo fomentada pelo movimento de *Azuza Street* foi marcada pela a experiência da glossolalia (falar em línguas estranhas), inserindo assim, ao cristianismo protestante, uma experiência

requisito para cancelar e habilitar os membros da comunidade para pregarem, orarem e cantarem, era o fato de terem vivenciado a experiência pneumatológica. Em sendo assim, negros, hispânicos, brancos, homens e mulheres qualquer um podia ocupar funções de liderança naquele ministério.

Assinalamos que, a pneumatologia da igreja negra, em virtude das interpretações forjadas pelo movimento liderado por Willian Seymour, é o principal elemento de influência negra na teologia cristã contemporânea, por mais que se tente negar o fato que o pentecostalismo seja fruto de diversos movimentos, em sua maioria branco, contudo, o movimento pentecostal, como conhecemos na contemporaneidade, é fruto da compreensão teológica de uma comunidade negra composta por filhos de escravizados.

### **Interculturalidade e a construção da identidade pentecostal**

Acreditamos que o processo de construção da identidade cultural, inclusive a do pentecostalismo americano, é forjada em um “entre - lugar” cultural. Inicialmente na intersecção entre a cultura religiosa branca e a espiritualidade negra, recorreremos às ideias aventadas por Homi Bhabha, ou seja, aquele ambiente onde se forjam novas identidades culturais. Portanto vejamos:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e consternação (BHABHA, 2001, p. 20).

Ainda sobre o aspecto que acabamos de pontuar, ressaltamos que durante o processo da construção da identidade, há uma ambiência de encontro, de fusão de horizontes de compreensões existenciais, de afirmações, trocas simbólicas e negociações; e, posteriormente, por meio dessa relação em que as culturas se hibridizam, firmar-se-á o reconhecimento da nova identidade. Portanto, a formação da identidade não é uma mera relação de dominado e dominador, de evolução cultural, mas, um jogo de forças, cujo resultado sempre será uma compo-

---

estática que não fazia parte da práxis litúrgica das igrejas oriundas do protestantismo europeu que aportaram nos Estados Unidos durante a colonização América (SYNAN, 2009).

sição dos vetores envolvidos. Nessa esteira de pensamento, Homi Bhaba define muito bem o processo da formação da identidade cultural, modelo este que servirá de esteio no presente trabalho:

Os termos do embate cultural, seja através do antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos híbridos culturais que emergem em momentos de transformações históricas (BHABHA, 2013, p.21).

### **A cultura africana e a formação do pentecostalismo**

O pentecostalismo é fruto de um processo advindo da formação da igreja protestante americana, em especial do movimento de santidade (*hollines*) e dos dois grandes avivamentos que redundaram na adoção do conceito da contemporaneidade do batismo com o Espírito Santo, tendo como marca evidencial a glossolalia. Dos grupos pneumáticos, a missão da Rua Azusa (1906), liderada por William Seymour, é considerada como a origem do Pentecostalismo mundial. como bem assevera W. J. Hollenwegwer:

A Missão da Rua Azusa é considerada pelos pentecostais como o lugar de origem do movimento pentecostal mundial. Por três anos, reuniões de oração sem interrupção aconteceram ali, com manifestações do falar em línguas estranhas, cantar em línguas e profecias. Histórias do avivamento da Rua Azusa, são lendárias (HOLLENWEGWER, 1972, p.22, tradução nossa).

Ressaltamos que os movimentos de avivamentos propiciaram, uma mudança no campo religioso estadunidense, e especialmente, na conduta dos próprios proprietários de escravos em relação a conversão dos negros; permitindo assim, que os escravizados descobrissem a fé e a esperança, em meio à servidão involuntária, que possibilitava algum propósito às suas vidas.

O pentecostalismo é fruto deste processo, considerando, considerando que William J. Seymour, como filho de negros escravizados, estava familiarizado com a espiritualidade praticada por seus ancestrais, especialmente em virtude da maioria dos escravizados afro-americanos praticava, naquele tempo, culto aos Voduns, divindades africanas, como bem assevera Cecil Robeck:

Eles acreditaram no Espírito Santo, no sobrenatural, incluindo o empoderamento de indivíduos, sinais, milagres e curas, espíritos invisíveis, transe e possessão no espírito, visões e sonhos como meios de comunicação divina, como também nos fenômenos descritos na Bíblia. Eles cantavam, batiam palmas, gritavam, dançavam, tocaram tambores e desenvolveram um estilo de pregação “chamado e resposta”. William J. Seymour estava sem dúvida ciente destas coisas já como criança,

---

porque elas formavam uma parte importante da cultura escrava afro-americana, e em muitos lugares da Louisiana sulina continuam existindo até hoje (ROBECK, 2006, p.23, tradução nossa).

Em nossa ótica, a mudança na práxis litúrgica representou uma ruptura com o cristianismo histórico, já que, inseria uma inovação significativa na espiritualidade protestante americana, que era fundamentalmente lastreada em uma lógica europeia, influenciada pela cosmovisão iluminista, que tinha como paradigma uma interpretação mais literal da Bíblia Sagrada, normatizada pelos diversos concílios da igreja, que elaborou uma série de documentos normativos da fé protestante.

Esse ramo do cristianismo (europeu e reformado), no solo americano, passou a entrar em contato com os escravizados, tendo como uma das suas principais preocupações, desde o século XVII, a instrução religiosa dos negros trazidos da África. Contudo, essa interação foi fundamental para a formação de um híbrido cultural que deu origem à cultura afro-americana. Tese defendida por Stefania Capone (2011, p. 33).

Entretanto, a relação do povo oprimido (africano ou afro-americano) com o seu opressor no campo religioso, não foi destituída de resistência, os negros ainda escravizados e posteriormente libertos, buscaram a manutenção da identidade africana, mesclando rituais ancestrais com elementos da liturgia cristã. Para Melville Herskovits (1990, p. 223) as práticas religiosas que adotavam o *ring shout*<sup>4</sup> como expressão litúrgica, bem como, a ação do Espírito Santo, que redundava em comportamentos motores não peculiares ao cristianismo histórico europeu era, em princípio, comum à espiritualidade africana.

Esse africanismo litúrgico, parece estar presente no movimento liderado por William Seymour. Podemos constatar tal fato em uma matéria publicada pelo *Los Angeles Times* em 18 de abril de 1906, senão vejamos:

As reuniões, realizadas num barracão caindo aos pedaços, na Rua Azusa, perto de San Pedro. Ali, devotos das mais estranhas doutrinas praticam rituais próprios de fanáticos, pregam teorias extravagantes e tentam atingir, com o fervor que lhes é peculiar, um estado de excitação que beira a insanidade. Negros e uma pequena quantidade de brancos compõem a congregação, e à noite os uivos dos adoradores promovem um espetáculo medonho para a vizinhança. Eles passam horas balançando para a frente e para trás num enervante exercício de orações e súplicas. Eles alegam pos-

---

<sup>4</sup> Um ritual religioso marcado pelo êxtase era praticado por escravizados africanos nos Estados Unidos, em que os adoradores se moviam em um círculo, arrastando e batendo os pés e palmas. Combinava música, devoção e movimento, defendido por alguns estudiosos, que seria uma influência direta dos rituais africanos dedicados aos ancestrais (CAPONE, 2011, p. 41).

---

suir o “dom de línguas” e se dizem capazes de entender aquela babel (*apud* SY-  
NAN, 2009, p. 76).

Diante do que acabamos de expor, ressaltamos que o pentecostalismo forjado pelo movimento liderado por William Seymour, parece-nos ter uma influência bastante acentuada da cultura africana, promovendo um deslocamento da liturgia tradicional para uma lógica ritualística ancestral africana.

Ressaltamos então que, no processo de encontros culturais entre grupos dominados e dominantes, a religiosidade é um dos elementos da cultura que sofre uma transformação em que as forças dominantes tentam impor a sua visão religiosa, traduzida em ritos, símbolos e instituições. Contudo, o grupo dominado não é mero agente passivo no processo, mas, por meio de uma ação de negociação articula as diferenças, muitas vezes contraditórias, que redundam em novos sentidos, supera as polaridades e o maniqueísmo, mas, também, vai além das singularidades.

Nessa compreensão de negociação cultural, Sterling Stuckey defendeu que os escravizados inseriam aos ritos cristãos seus verdadeiros sentimentos e crenças espirituais, objetivando assim, a aceitação de seus senhores, como vemos abaixo:

O cristianismo, tal como era praticado pelos escravos, era quase sempre apenas a manifestação exterior de um profundo sentimento religioso africano, de uma forma aceitável pelos senhores que, de outro modo, poderiam se mostrar hostis. Sob a máscara do cristianismo, os aspectos fundamentais da africanidade, considerado por alguns como excêntricos no que concerne ao movimento, ao som e simbolismos, podiam, assim, ser abertamente colocados em práticas (STUCKEY, 1987, p.35, tradução nossa).

Sendo assim, a relação velada dos sentidos espirituais africanos, no tocante ao cristianismo, permitia uma continuidade das práticas religiosas negras, ainda que dotadas de transformações perceptíveis, como bem postulou Zora Neale Hurston:

O negro não foi cristianizado tão extensiva como geralmente se crê. A grande massa [dos negros] se curva sempre diante de seus altares pagãos, clamando aos deuses antigos pelos nomes [...] assim, com o nome de Cristo a congregação é trazida diante de altares primitivos. O que chamamos de “*shouting*” não é nada além da continuação da “possessão” africana pelos deuses. As divindades possuem o corpo de um adepto, e este supostamente não é consciente de seus atos até que o deus vá embora. Isso ainda existe, de forma predominante, na maioria das igrejas negras protestantes, e é geral nas igrejas santificadas (HURSTON, 1981, p. 104, tradução nossa).

Segundo Roger Bastide (1973, p.151), ainda que em uma ótica culturalista clássica, o sincretismo entre o protestantismo americano e a cultura negra toma formas peculiares, já que o negro encontra na Bíblia, em lugar dos espíritos ancestrais, alguns entes espirituais interme-

diários, como anjos e arcanjos. Dessa maneira, os cativeiros judeus poderiam ser associados com a própria condição de escravidão do povo africano em terras americanas. Ainda nessa ótica asseverou Bastide:

O sincretismo africano-protestante vai orientar-se, então, a partir dessas linhas de força, sobre outros caminhos, o angelismo, o messianismo, a reinterpretação do transe africano em termos de seitas de Renovação ou de descida do Espírito Santo. Nos Estados Unidos, o negro, é verdade, não guardou nada de suas religiões ancestrais e tomou de empréstimo ao movimentos de renovação norte-americanos, que continuavam os movimentos de renovações escocesses, sua religião afetiva, sua busca de emoções violentas (BASTIDE, 1974, p.151).

O que nos chama atenção para o desenvolvimento histórico do pentecostalismo, é que este implementou mudanças significativas nas práxis religiosas protestantes, seja nos movimentos de cunho carismático<sup>5</sup>, bem como, no protestantismo de herança tradicional reformado.

O primeiro conceito inovador implementado pelo pentecostalismo afro-americano foi o sentimento da “Igreja contra o mundo” que expressava a ideia de que a experiência cristã se dava no altar, onde, segundo a lógica pentecostal, ocorria o fenômeno da conversão, o da santificação e o do batismo no Espírito Santo. Sobre a questão do altar afirma ainda Daniels:

O altar tornou-se o arcabouço sobre o qual repousa a cultura pentecostal negra, com sua música e sua prática de adoração: canções arranjos e arranjos responsivos, estilo improvisado, desfile de instrumentos musicais, sons ritmados e batidas fortes, dança religiosa, cânticos de louvor e adoração caracterizados por expressões como “Aleluia!”, “Glória a Deus!”, “Louvado seja o Senhor!”, “Obrigado!” e “Amém, Senhor!” (DANIELS, 2009, p. 378, tradução nossa).

Portanto, a concepção de altar como lugar da experiência cristã representou uma ruptura com o conceito de religião interior, tão disseminado no seio da igreja reformada e pelos diversos movimentos pietistas protestantes. A experiência agora ocorria não só no coração, mas no lugar sagrado (mágico) materializado pelo altar, agregando, possivelmente ao pentecostalismo uma lógica bem comum nas práticas religiosas africanas, e que já havia sido superada pelo protestantismo histórico. Naquele ambiente, dava-se o encontro entre o adorador e a divindade (Espírito Santo).

Acrescentamos ainda, que o altar representava para o pentecostalismo afro-americano uma aproximação do sagrado à vida cotidiana. Uma lógica bastante coerente com a condição de povo socialmente oprimido. Nessa ótica, a religiosidade não era algo estranho às demandas

---

<sup>5</sup> A história da igreja protestante americana sempre foi marcada por grupos que acreditavam em manifestações sobrenaturais do divino na vida dos fiéis. Tais manifestações eram caracterizadas pela crença de acontecimentos sobrenaturais milagrosos. O movimento pentecostal afro-americano, transformou profundamente a forma litúrgica e estrutura eclesial das igrejas (HOLLENWEGWER, 1972, p.15-17).

vivenciadas, mas funcionavam como uma força que podia transformar a realidade imposta pelo povo opressor. Logo, o altar era o lugar onde se apresentavam as demandas e os sacrifícios, buscando assim, a ajuda das divindades, que no caso específico da lógica pentecostal, materializava-se na figura do Espírito Santo.

Outra ênfase do pentecostalismo afro-americano era a oração e a crença nos poderes de cura. O incentivo ao jejum, juntamente com as “vigílias” eram elementos acessórios em tais práticas ritualísticas:

Orações ao longo da madrugada chamadas “vigílias”, e consagrações, encontros de oração de três a quatro horas e jejuns duas vezes por semana -com jejuns periódicos de quarenta dias – eram os elementos fundamentais dos ministérios de oração, era a prática de um trabalho de preparação, uma cerimônia de oração que preparava os indivíduos para a conversão, santificação e o batismo no Espírito Santo (DANIELS, 2009, p.379, tradução nossa).

A prática da oração, jejum e vigílias revelavam, possivelmente, a crença que os infortúnios da vida eram causados pelas forças espirituais da maldade, que deveriam ser combatidas a partir da manipulação de outras forças que podiam se opor às primeiras - consideradas maléficas. Tal crença também representou uma mudança significativa no protestantismo histórico, já que aproximou a religiosidade protestante das crenças religiosas tradicionais africanas, como: a mágica, o infortúnio e a feitiçaria.

Acrescentamos ainda, que o pentecostalismo afro-americano estabeleceu uma mudança em nível sociológico, que foi a ordenação de mulheres ao ministério, já que tal prática, majoritariamente era rejeitada pelos outros movimentos e expressões do protestantismo americano:

Os debates sobre a ordenação das mulheres e seu ministério dentro do movimento de santidade afro-americano, comuns no final do século XIX, moldaram decisões sobre a ordenação de mulheres entre os pentecostais negros. [...] em várias cidades as mulheres pastoreavam ou lideravam as únicas congregações pentecostais existentes (DANIELS, 2009, p.379, tradução nossa).

Portanto, novamente o pentecostalismo negro promove uma ruptura com a lógica antropológica reformada, que asseverava ser a mulher inabilitada espiritualmente para assumir o pastorado, atribuição exclusiva dos homens. Percebemos então que, possivelmente há uma aproximação, no tocante ao papel espiritual da mulher, da lógica africana que não distinguia para efeito de sacerdócio, o homem ou a mulher.

## **Considerações finais**

Concluimos então, que a Teologia Negra surge como um processo de formação da identidade cultural dos negros americanos, que ao serem cristianizados pela igreja protestante, passaram a interpretar a mensagem cristã a partir de uma hermenêutica particular que asseverava que o cristianismo deve promover a justiça social, ilidindo qualquer intenção de se estabelecer uma lógica opressora, seja ela de qualquer natureza.

Acrescentamos que a Teologia Negra foi realizada a partir de uma hermenêutica de se assentava sobre o *locus* existencial de um povo negro; portanto, estabeleceu como produto um cristianismo que se conectava com todo o sistema cultural africano, estabelecendo ressignificados, forjando uma igreja negra. Sobre este aspecto, podemos afirmar que a Teologia Negra é forjada na diáspora, no espaço cultural que se articulou entre a espiritualidade protestante e as práticas religiosas africanas.

Portanto, diante do que acabamos de expor, o encontro da religiosidade protestante estadunidense com a africana, na relação entre o oprimido e o opressor, em especial no processo de cristianização do escravizado americano, foi um processo de negociação complexa, que redundou ainda em escravizados cristãos que vivenciavam o cristianismo de forma bem peculiar, ou seja, produzindo uma nova identidade religiosa, que agregava elementos dos dois mundos, bem como, dava novos sentidos e significados para estruturas já estabelecidas e consolidadas em cada tradição.

Tal processo deu origem a igreja afro-americana e conseqüentemente ao pentecostalismo iniciado na rua Azusa, uma das expressões religiosas mais relevantes dentro do cristianismo hodierno, e que notadamente foi influenciado pela cultura africana.

### Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. **As américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo**, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, Ed, da Universidade de São Paulo, 1974.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CAPONE, Stefania. **Os yoruba do Novo Mundo: religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

CONE, James H. **O Deus dos Oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1985.



---

DANIELS, David. **Pentecostalismo Afro – americano no Século XX. In: O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**, São Paulo: Editora Vida, 2009.

GEFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELLINE, Rosino. **A Teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 2002.

HERSKOVITS, Melville. **The myth of the negro past**. Boston: Beacon Press, 1990.

HOLLENWEGER, Walter J. **The Pentecostals: the charismatic movement in the churches**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972.

HUSTON, Zora Neale. **The Sanctified Church**. Berkeley: Turtle Island, 1981.

PACHECO, Ronilson. **Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito**. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019.

PINAR, William F. O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 35-44, 2008.

ROBECK, Cecil M. **The Azusa Street Mission and revival: The birth of the global pentecostal movement**. Nashville: Thomas Nelson, 2006.

STUCKEY, Sterling. **Slave Culture: Nationalist Theory and Foundations of Black America**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

WILMORE, Gayraud S.; CONE, James H. **Teologia Negra**. São Paulo: Paulinas, 1986.